

A FUNDAMENTAÇÃO DO IDEAL DE “BELO” EM SHAFTESBURY

THE FOUNDATION OF THE IDEAL OF “BEAUTY” IN SHAFTESBURY

Mariana Dias Pinheiro Santos¹

UFPR, Brasil

Resumo

O objetivo do presente artigo consiste em observar em que medida Shaftesbury pode se assemelhar, ou não, a Plotino principalmente no que diz respeito ao ideal de belo. Assim, pretende-se recorrer às *Enéadas* de Plotino e notar o quanto elas se afastam ou se aproximam, especialmente, dos *Askhmata* e da *Inquiry concerning Virtue or Merit*. Para isso, será necessário, primeiro, notar que concepção sustenta a noção de belo em cada um dos dois autores; para, segundo, apresentar qual instância, para cada autor, reconhece o belo e, por fim, comparar este ideal em cada um. Espera-se, com isso, que esse trabalho permita, ainda que em curta medida, servir ao exame das concepções legadas por Cassirer, em 1932, que fundamentaram os estudos acerca da influência de Plotino no autor iluminista.

Palavras-chave

Belo; Plotino; Shaftesbury.

¹Doutoranda em Filosofia UFPR (Universidade Federal do Paraná). Possui graduação e mestrado em filosofia pela UFS (Universidade Federal de Sergipe), tendo recebido 1º lugar do prêmio ABES XVIII (2025) e Menção Honrosa do prêmio ANPOF (2024) em reconhecimento à excelência acadêmica e à contribuição significativa de sua dissertação, e recebido 1º lugar do PRÊMIO DESTAQUE da UFS (2021) pelo desenvolvimento e apresentação de seu trabalho de Iniciação Científica. É membro da Associação Brasileira de Estudos do Século XVIII (ABES XVIII), da Société internationale d'étude du dix-huitième siècle (SIEDS), do grupo de pesquisa de Ética e Filosofia Política da UFS, e do grupo de pesquisa de Ética e Filosofia Política da UFAL (Universidade Federal de Alagoas). Atualmente dedica-se à pesquisa sobre o ideal de polidez como formadora do caráter cavalheiresco na filosofia das luzes da Grã-Bretanha. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3921-3164>; e-mail: marianadps4ntos@gmail.com.

Abstract

This paper aims at observing the extent to which Shaftesbury may (or not) resemble Plotinus, specially when it comes to the ideal of beauty. We intend to analyze Plotinus's *Enneads* and observe how similar they are, specially, to the *Askhmata* and the *Inquiry concerning Virtue or Merit*. To this effect, it shall be necessary, at first, to point out which conception sustains the notion of beauty in each of the authors, so as to present the instance which, according to each, recognizes beauty and, at last, compare this ideal in each one. Finally, we hope this paper may, even to a short extent, contribute to the examination of the conceptions of Cassirer, which, since 1923, have substantiated studies concerning Plotinus's influence on Shaftesbury.

Keywords

Beauty; Plotinus; Shaftesbury.

Introdução

Cassirer comenta, em seu *A Filosofia do Iluminismo*, que Plotino (205 - 270) teria sido um dos autores que foram capazes de formar e marcar Shaftesbury (1671-1713), influência que pode ser vista, para o intérprete, a partir dos *Askhmata*² e do compromisso do filósofo com a ideia de que toda beleza é verdade³ (1992, p. 413). Tais noções remeteriam, imediatamente, a passagens do autor neoplatônico como: “a natureza provém lá de cima, do bem e evidentemente, do belo” (Plotino, 2006, p. 574) que, conseqüentemente, estaria de acordo com o verdadeiro bem real.

Além disso, chama-se atenção para o estabelecimento de um movimento filosófico com o qual Shaftesbury teve contato: o platonismo de Cambridge — integrado por autores como Henry More (1614-1687), Ralph Cudworth (1617- 1688) e John Smith (1618-1652). Os cavalheiros que

² Cassirer designa como “Diário filosófico”.

³ Máxima extraída do *Sensus Communis*, onde o autor comenta “AND thus, after all, the most natural Beauty in the World is Honesty, and moral Truth. For all Beauty is Truth” (Shaftesbury, 2001, p. 83).

faziam parte desse círculo, de modo bastante geral, estavam comprometidos com o conhecimento de Deus através da revelação do intelecto, de modo que tratavam o bem, a verdade e o belo como elementos inseparáveis, ao menos em parte, para essa revelação (Taliaferro, 2003, 167-8). Destaca-se imediatamente o fato de que Plotino foi um dos autores que mais influenciou os Platônicos de Cambridge⁴; isso pode ser mapeado, por exemplo, em Smith, como observa Taliaferro (2003, p. 173), em suas diversas citações da seguinte passagem das *Enéadas*:

Mas, se o olho se dirige à visão turvado pela maldade e não purificado, ou fraco, incapaz por falta de vigor de olhar as coisas completamente radiantes, ele nada vê, mesmo que outra pessoa lhe mostre o que está presente e pode ser visto. Pois, após ter-se o vidente feito congênere e semelhante ao visto, ele deve lançar-se à contemplação. Pois nenhum olho jamais veria o sol se não tivesse nascido soliforme, e a alma não veria o belo sem ter-se tornado bela. Portanto, que primeiro se torne todo deiforme e todo belo, se alguém pretende contemplar deus e o belo. (Plotino, 2006, p. 318)

Esses elementos parecem colaborar para a sustentação de Cassirer, em *A Filosofia do Iluminismo*, de que Shaftesbury se baseia muito na filosofia plotiniana, principalmente no que diz respeito às suas considerações acerca do belo. E, conseqüentemente, por influência dessa interpretação, Uphaus (1969) e Kubota (2015) sentiram-se seguros para reproduzir que Shaftesbury foi **influenciado** por Plotino — o primeiro comentador, inclusive, limita-se a comparar as citações desses dois filósofos em função de essa concepção já estar estabelecida.

No entanto, ainda que dados como o contato de Shaftesbury com autores que se preocuparam com a filosofia plotiniana sejam interessante para **conjecturar um contato** desse autor com o das *Enéadas*, isso não é suficiente para afirmar que existe uma influência de um sobre o outro.

⁴ Douglas Hedley, inclusive, em seu artigo *Real atheism and Cambridge Platonism: men of latitude, polemics, and the great dead philosophers*, mapeia como Cudworth está comprometido com ideais neoplatônicos especificamente plotinianos e, diferente de outros de sua época, não os confunde com o que há em Platão.

Inclusive porque, como comenta Hedley (2007), não havia muita consciência, mesmo entre os Platônicos de Cambridge, das distinções entre Plotino e Platão, e, além disso, como Aldridge (1951) já havia observado, sequer é possível notar alguma citação ou referência direta de Shaftesbury a Plotino. Mesmo em *Askhmata*, obra em que é possível notar com clareza, através de citações, autores que contribuíram para a formação do filósofo setecentista (Pimenta, 2016, p. 9-10), isso não é visto.

Outro ponto que merece destaque é o fato de que em *Sensus Communis*, obra tomada como principal referência para Cassirer, o foco do moderno é, sobretudo, nas formas de sociabilidade mais adequadas para o aprimoramento da virtude e da polidez dos cavalheiros. Antes de qualquer preocupação com o belo, Shaftesbury pretende se dedicar a construir “os amantes da humanidade que respeitam e honram as convenções e as sociedades do homem”⁵ (Shaftesbury, 200, p. 49). Isso, como os trabalhos de Aldridge e Tiffany pretendem evidenciar, colaboram para a aproximação do lorde inglês antes ao estoicismo e, em especial, à filosofia de Cícero.

O antigo romano, como se sabe, seja em seu *Da Amizade* ou em *Dos Deveres*, destaca a conversação e a sociabilidade como essencial para a construção harmônica da humanidade, afinal “nada há que tanto se conforme à nossa natureza” (Cícero, 2012, p. 18), algo a que Shaftesbury remete ao longo de toda sua obra, e que parece ser o fundamento filosófico principal do autor em especial no *Sensus Communis* e na *Inquiry*.

Diante de tudo isso, nota-se que a vinculação, em termos de influência, de Plotino em Shaftesbury não é uma interpretação tão simples quanto Cassirer afirma, inclusive por parecer depender muito mais de certa vinculação aos Platônicos de Cambridge do que propriamente ao autor das *Enéadas*. Não à toa, os trabalhos de Aldridge (1951) e de Tiffany (1923) já evidenciaram que as *Characteristicks*, diferente do que Cassirer gostaria, não se aproxima tanto do neoplatonismo plotiniano, mas sim do estoicismo, principalmente de vertente imperial.

⁵ Todas as traduções do inglês são minhas.

Introduzidos esses aspectos, deixa-se claro que o objetivo do presente artigo consiste em observar em que medida Shaftesbury pode se **assemelhar**, ou não, a Plotino principalmente no que diz respeito ao ideal de belo. Assim, pretende-se recorrer às *Enéadas* de Plotino e notar o quanto elas se afastam, ou se aproximam, especialmente dos *Askhmata* e da *Inquiry concerning Virtue or Merit*⁶. Para isso, **I** - será necessário notar que concepção sustenta a noção de belo em cada um dos dois autores, para, **II** - apresentar qual instância, para cada autor, reconhece o belo e, por fim, comparar este ideal em cada um (o que consiste, respectivamente, nas seções **I** e **II**). Espera-se, com isso, que este trabalho permita, ainda que em curta medida, servir ao exame das concepções legadas por Cassirer, em 1932, que fundamentaram os estudos acerca da influência Plotino no autor setecentista.

I

“Dizem que [...] a simetria das partes umas com as outras e com o todo, e a adição de algumas boas cores, constitui a beleza para a visão e que, tanto para essas quanto para todas as outras coisas em geral”, comenta Plotino, “serem belas consiste no serem simétricas e mensuradas para estes, nada simples, mas apenas e forçosamente o que é composto, será belo” (Plotino, 2006, p. 304). Não demora muito, entretanto, para que o filósofo demonstre desacordo com essa noção de belo atrelada à simetria. Isso ocorre, pois, se a beleza dependesse da simetria, comenta em 1.5 nas *Enéadas*, primeiro, tudo aquilo que não for simétrico será sumariamente excluído da consideração de belo, de modo que ele será composto, e “as partes individuais não serão belas por si mesmas” (Plotino, 2006, p. 304); e, segundo, um problema maior: como poderão as leis, os conhecimentos e as ciências serem belos? Pior: se estes também dependem da harmonia para receberem essa consideração, deverá se admitir que “também haverá concordância e harmonia de maus teoremas” (Plotino, 2006, p. 305).

⁶ A escolha de destacar essas duas obras do filósofo modernos se justificam na medida em que, na primeira, há uma apresentação dos autores e ideais que o formaram e, na segunda, uma das principais preocupações é compreender a natureza do bem — que, para Plotino, mistura-se com o belo e com o uno.

Consequentemente, a simetria e a harmonia não podem, então, servir ao conceito de belo na medida em que ignora partes individuais que assim podem ser consideradas e, também, poderá se ver beldade onde não há. Isso impediria, inclusive, que a virtude pudesse ser adjetivada dessa forma, e, para o autor, é inegável que “Toda virtude é uma beleza da alma” (Plotino, 2006, p. 305). Para evitar esses erros provenientes do belo como simetria, Plotino irá propor que esse conceito seja fundamentado através da participação, de modo que será possível existir o belo nos corpos, na alma e nas justas concepções e ações — como será exposto na próxima seção. O que não significa dizer, deve-se atentar, que Plotino negue que existe ordem na natureza e que seu aspecto seja belo (Bezerra, 2013, p. 335), apenas expõe que isso não é suficiente para identificar as noções de “simetria” e de “belo”.

Em III.5 das *Enéadas*, *Sobre o Amor*, é possível notar como essa concepção é reverberada na medida em que o amor “se origina nas almas que desejam se entrelaçar com algo belo” (Plotino, 2006, p. 573). Disso decorre a necessidade de reconhecer e amar o belo sensível, pois, sabendo que a natureza provém de cima, do bem e do belo, se há uma paixão em um indivíduo referente a isso, haverá familiaridade dele com as imagens desses elementos, e, consequentemente, nota-se que “partindo da beleza aqui em baixo, alcançaram a reminiscência da de lá” (Plotino, 2006, p. 576)⁷.

Ainda sobre a necessidade de se entrelaçar com algo belo, é interessante notar que essa concepção é proveniente do *Banquete* de Platão, onde se estabelece que, a partir da relação entre Poros e Penia, o amor nasce no aniversário de Afrodite e busca eternamente o que é próprio a ela, o belo, de modo que “antes de tudo, é sempre desprovido de recursos e lhe falta muito da ternura e beleza que muitos costumam ver nele.” (203 c, d) — discussão recuperada por Plotino especificamente nos tópicos 1 e 2, presente em *Sobre o Amor*.

⁷ Esse movimento muito é semelhante ao que é possível ver no *Banquete* de Platão entre 210a e 210c, na medida em que Sócrates expõe o diálogo que teve com Diotima — como comenta Borges (2017), ambos servem à exposição do mesmo ideal — e mostra os graus em que o belo deve ser amado até que seja possível amar e identificar o belo no conhecimento.

Em resumo, o belo não pode, para Plotino, provir das noções de simetria e de harmonia, mas apenas da participação. Isso advém, como já observou Bezerra (2013), do fato de que a adequação entre a parte e o todo ser de tipo mecânico e sem vitalidade para o neoplatônico, e, além disso, necessita da diversidade para existir, de modo que, com isso, perde-se de vista a simplicidade una do belo. Apresentar o belo em termos de gradação permite, então, que ele possa existir desde o sensível através da participação, uma vez que é transcendente e imanente "enquanto forma formante e vivificante" (Bezerra, 2013, p. 333). Assim como Plotino, Shaftesbury mostra-se consciente da concepção platônica, presente no *Banquete* (200e-203c), de que o belo, por poder se envolver com o amor, se relaciona com a noção de carência (Pimenta, 2016, p. 177).

Esses elementos, seja no *Sensus Comunnis*, *Solilóquio* ou *Inquiry*, no entanto, dizem respeito às belezas corporais – em especial aquelas que as damas usam para (supostamente) seduzir cavalheiros. Desse modo, conforme o filósofo explicita na seção 2 da parte 4 do *Sensus Comunnis*, a verdadeira beleza não está nos encantos de mulheres, mas sim na honestidade e no mérito de caráter. Algo que compõe a harmonia da natureza humana. Sendo assim destaca-se que, logo de saída, o filósofo inglês está comprometido justamente com aquilo que o neoplatônico deseja evitar: a proporção e a simetria. A harmonia, seja entre a espécie humana com a natureza, seja do cavalheiro consigo mesmo, é essencial para a definição do verdadeiro belo.

Na *Inquiry* vemos o filósofo se dedicar à construção da sociabilidade polida como parte da harmonia que considera existir na natureza. Não à toa, o filósofo considera as afecções como naturais ou antinaturais; e, o refinamento que explora adequadamente as primeiras, promove uma estabilização do humano com sua espécie, algo que se integra, proporcionalmente, com outros graus de harmonias presentes na natureza (conf. Santos, 2025). O movimento apresentado, seja no *Sensus Communis*, seja no *Solilóquio*, nesse sentido, parece estar de acordo com esse projeto do filósofo, afinal, isso coopera para a realização do “prazer de participação e comunidade que é tão essencial para a [...] felicidade” (Shaftesbury, 2000, p. 205).

Em *Askhmata*, o autor, ao comentar acerca daquilo que governa o mundo, afirma que “há um princípio comum de inteligência e sabedoria, uma mente eterna e infinita”, e isso “que vemos é ordem, proporção, harmonia”, afinal, “Se há uma natureza do todo [...] há que se ordenar todas as coisas para o seu bem próprio: e como o que é melhor para o universo é o mais sábio e o mais justo, segue-se que a natureza suprema é perfeitamente sábia e justa” (Shaftesbury, 2016, p. 44-5). Ou seja, o filósofo setecentista mostra-se comprometido com a noção de uma sabedoria que estabelece ordem, harmonia e simetria que mantém a **proporção** do todo, algo que pode ser visto, também, quando afirma que “Nada está fora do todo e nada acontece a não ser de acordo com as leis do todo” (Shaftesbury, 2016, p. 45).

Ainda que se possa levantar suspeita dessas afirmações por se tratarem de considerações feitas entre 1698 e 1700, quando o autor ainda estava formando seus ideais filosóficos através de reflexões embasadas em ideais principalmente estoicos (Pimenta, 2016), destaca-se que as noções de ordem e harmonia, que são capazes de colocar tudo em proporção e simetria adequada, aparecem novamente na *Inquiry*. Isso se observa quando o autor, ao começar investigar a natureza do bem, estabelece (na parte 2 da seção 2 dessa mesma obra) que no Universo “tudo está de acordo com uma boa Ordem, e o mais agradável a um interesse geral” e, se não for esse o caso, “há o que é de outra forma, e poderia ter sido melhor constituído, mais sabiamente planejado, e com mais vantagem para o interesse geral dos seres, ou do todo” (Shaftesbury, 2001, p. 7). O que torna possível ver que, de uma forma ou de outra, há ordem e planejamento na natureza, colocando-se em questão apenas, a partir do que é de interesse do todo, em que grau eles são bons.

Todos esses elementos, não se deve perder de vista, dependem, para Shaftesbury, da noção de que “sobre qualquer estrutura ou constituição ordinária da arte ou da natureza” ser necessário que se leve em conta um “conhecimento competente do todo” (Shaftesbury, 2001, p. 14) que, como comenta, necessita, por sua vez, da relação das proporções entre o todo e suas partes — e, como bem lembra Bezerra (2013), a proporção proveniente da relação entre parte e todo não constituem, de forma alguma, o belo para Plotino.

O começo da parte *Deidade* dos *Askhmata*, além disso, vale a pena salientar, inicia-se com uma citação de Marco Aurélio⁸ que remete às noções de ordem e desordem vistas na *Inquiry*, algo que indica que os ideais presentes em suas reflexões iniciais não se perderam. Ainda na mesma seção desta obra, nota-se que o autor afirma que “tudo o que é superior em qualquer grau sobre o mundo, ou **governa na natureza com discernimento e mente**, é o que, por acordo universal, os homens chamam de Deus” (Shaftesbury, 2001, p. 7, grifo meu), algo que reforça a vinculação do setecentista com o ideal de ordem, e não com o de participação, mesmo que provinda apenas de Platão e não de Plotino. Afinal, trata-se de uma definição daquilo que ordena e cria as proporções que constituem a natureza.

Disso, de certa forma, é possível depreender que, para Shaftesbury, a divindade governa impondo proporções ao todo. Nesse sentido, vale a pena lembrar, como Tiffany (1923) afirma, que o filósofo setecentista, diferentemente do neoplatônico, não estava comprometido com a noção de Uno, de modo que, novamente, ao contrário de Plotino, sua estética não se detém no que diz respeito à simetria e à harmonia, na verdade, toma-as como noções basilares. Essa mesma proporção é necessária para o estabelecimento do belo tanto nos *Askhmata*, como largamente comenta em *Belo*, quanto na *Inquiry* (parte 3, seção 3), e necessitará do empreendimento **racional** para ser apreendido – procedimento que pode ser visto posto em prática no seu *Soliloquy* (conf. Santos, 2025); diferentemente de Plotino, que atribui à **percepção** a capacidade de relacionar-se com o belo que depende, como sucintamente exposto, da participação.

Esses elementos serão explorados na seção que se segue, mas, de todo modo, as observações feitas até aqui permitem colocar em questão, desde já, se o “verdadeiro modelo filosófico” de Shaftesbury “é a doutrina

⁸ “Poderia em ti subsistir uma certa ordem e nada no todo senão desordem?” Marco Aurélio, IV, 27. Conforme afirma Balieiro (2021), é possível depreender que essa epígrafe consiste em algo que, enquanto exercícios, influencia diretamente Shaftesbury, coisa que contribuirá para sua concepção de virtude e de felicidade; noções que, posteriormente, reaparecerão em *The Moralists*.

plotiniana” (Cassirer, 1992, p. 417), na medida em que é possível ver desacordo entre os autores desde seus fundamentos.

II

Estabelecidos os fundamentos que sustentam o belo em Shaftesbury e Plotino — isto é, respectivamente, a proporção e a participação — deve-se, neste momento, notar de que modo, para cada um dos filósofos, é possível reconhecer esse ideal. Com isso será possível discernir, ainda, onde o belo pode ser identificado e em que ele consiste.

Começando por Plotino, nota-se que o reconhecimento do belo, para este autor, dependerá da percepção, algo que pode ser notado uma vez que o autor afirma que esse ideal consiste em “algo que se torna perceptível logo no primeiro vislumbre” (Plotino, 2006, p. 305), sempre decorrendo de ser visto, reconhecido, em suma, do ser percebido. Isso parece indicar que o reconhecimento do belo está muito mais atrelado a um certo estado de espírito ou emocional do que a uma dimensão racional. Trata-se, como comenta Bezerra (2013, p. 335), de um conhecimento que consiste em uma experiência interior, e não em uma sabedoria. Pode-se observar isso na medida em que o reconhecimento do belo é acompanhado por afecções como as de “assombro, doce tremor, desejo, amor e excitação com prazer” (Plotino, 2006, p. 309), e, conseqüentemente, quem tem essas experiências interiores, é amante do belo verdadeiro.

O reconhecimento do belo depende de um estado interior vinculado a certas afecções. A partir disso, é possível que ele seja reconhecido de forma sensível, algo que pode ser visto, por exemplo, no fato de que “os amantes de corpos belos” não os amam simplesmente em “razão da união carnal, os amam porque são belos” (Plotino, 2006, p. 576). E, diante disso, enquanto sua natureza “provém lá de cima, do bem e, evidentemente, do belo; e se alguém se apaixona por algo e lhe é congênere, também se sente familiarizado com as imagens dessa coisa” (Plotino, 2006, p. 574) o que, conseqüentemente, capacitará o indivíduo a apreciar uma forma superior desse ideal — que se mostra presente nas

leis, nas ocupações, nos conhecimentos, nas ciências e nas virtudes [estas, inclusive, comenta Plotino (2006, p. 305), consistem em uma das belezas mais verdadeiras].

O belo, então, é algo que participa das belas cores, da luz do sol, do ouro, dos astros da noite e mesmo dos corpos e, não se deve perder de vista, é buscado pelo amor e reconhecido através da ocorrência de certas afecções. No entanto, é necessário notar que as afecções anteriormente citadas, ainda que não deixem de estar relacionadas com a busca amorosa e com o sentimento do amor, não dizem tanto respeito a estes tipos de beldades, mas sim àqueles mais puros. Nesse sentido, para além do sensível, destaca-se que o belo, em sua forma mais verdadeira, é percebido não mais pelos sentidos, mas sim pela alma na medida em que ela é capaz de ascender daquilo que compõe o belo dos corpos até aquilo que compõe a virtude. Isso ocorre na medida em que, gradativamente, se deixa “do lado de fora a visão dos olhos e sem mais voltar-se para as antigas fulgências dos corpos” reconhecendo que se tratam de “imagens e traços e sombras” (Plotino, 2006, p. 316). E, com o abandono do belo que participa dessas sombras, isto é, dos elementos sensíveis, a alma deve se acostumar “a ver primeiro as belas ocupações; em seguida, as belas obras [...] dos chamados homens bons; depois, [...] a alma dos que realizam as belas obras” (Plotino, 2006, p. 317). Em outras palavras, trata-se de uma ascensão que alcança a forma mais verdadeira do belo, o belo em si (*uno*), a partir do belo sensível.

A partir disso se nota a demarcação plotiniana de dois tipos de beldades: aquelas que são sensíveis e aquelas que são inteligíveis, e a ascensão para este tipo de belo depende de um conhecimento gradativo que se inicia a partir do primeiro tipo. Por isso, esse ideal participa do que é sensual e sensível, mas, também, do que não pode ser percebido pelos sentidos, mas apenas pela alma. Esta, por sua vez, através da ascensão, deverá se tornar bela para ser capaz de perceber as beldades ulteriores, o que ocorre na medida em que, como comenta o filósofo neoplatônico, a alma é “preenchida por razões, embelecida com belos adornos e plenificada pela euforia, de modo a nela haver esplendores e imagens de todas as coisas belas” (Plotino, 2006, p. 592). Em outras palavras, através do reconhecimento do belo, a alma compõe-se desse ideal.

Disso depreende-se que também há uma demarcação, em Plotino, de duas instâncias capazes de perceber esse ideal: os sentidos e a alma. Esta, em última instância, vale a pena salientar, será capaz de reconhecer, por esse processo de ascensão gradual que também lhe abarca, o belo que se iguala ao bem inteligível (Bezerra, 2013), sendo próprio de quem o percebe “maravilhar-se com sua beleza, [...] encher-se de um assombro prazeroso, [...] abalar-se inofensivamente” (Plotino, 2006, p. 314).

Em resumo, o que se deseja destacar dessa breve exposição é que, primeiro, para Plotino, o belo consiste no bem e no uno, que, através da participação, é percebido em dois tipos de instâncias: a sensível e a inteligível. Segundo, sua percepção depende do amor — na medida em que este consiste no desejo de se entrelaçar com algo belo — e de determinadas afecções, de modo que se trata de uma experiência interior, e não de uma sabedoria ou racionalidade. Terceiro, trata-se de um ideal que pode ser percebido, a depender do tipo de beldade, pela instância dos sentidos ou da alma, sendo que o reconhecido por esta última consistirá em um tipo superior de belo.

Uphaus (1969), em sua tentativa de aproximar Plotino de Shaftesbury, destacará que, para este autor, o belo ocorre de forma independente nos objetos, acreditando que, tal como o filósofo neoplatônico, o indivíduo deve ascender, por um processo gradativo do sensível até o inteligível ou divino (que consiste no Uno em Plotino), de modo que a arte pode se configurar em uma das vias possíveis para a efetivação desse processo⁹. Essas afirmações parecem perder parte de sua força diante da proporção, que é tomada como fundamento do belo em Shaftesbury, e diante da crítica feita pelo iluminista às belezas corporais de damas, como anteriormente comentado.

⁹ Mesmo que, como afirma Tiffany (1923), seja possível identificar ideais neoplatônicos em Shaftesbury, isso ocorre na medida em que estão relacionados com o estoicismo. A virtude relacionada ao belo, por exemplo, refere-se algo que deve ser alcançado pelo indivíduo, sendo sua mentora na vida e nos aspectos que dizem respeito ao bem que se colocam na harmonia entre a parte e o todo, o que, conforme afirma a intérprete, consiste em uma concepção distintamente estoica.

Diante disso, nota-se que o belo, para o filósofo inglês, é reconhecido através da mente, na medida em que, tal como outros elementos, através da reflexão é possível “formar noções gerais de coisas”, de modo que “As formas, movimentos, cores e proporções destas últimas sendo apresentadas ao nosso olho; resulta necessariamente uma beleza ou deformidade, de acordo com as diferentes medidas, arranjos e disposições de suas diversas partes” (Shaftesbury, 2001, p. 16). Em outras palavras, trata-se de uma instância que opera através da reflexão, formando noções gerais que dependem de uma adequada compreensão das relações entre parte e todo, e, além disso, a ordem, mesmo de tipo aparente, “conquista a mente e atrai a afeição para ela” (Shaftesbury, 2001, p. 43).

Ademais, nota-se que as noções gerais, por meio da reflexão, são formadas através de “um agradável assentimento e aprovação da mente” (Shaftesbury, 2001, p. 60). Diante disso, vale a pena lembrar, a relação entre o belo e a razão não foi perdida desde os *Askhmata*, onde é possível ver que o autor já afirmava que é necessário que os homens saibam que o belo “nasce de tua parte racional” (Arriano *apud* Shaftesbury, 2017, p. 180).

A partir disso é possível depreender que o belo, para Shaftesbury, é resultado de uma operação racional na medida em que depende, primeiro, do reconhecimento das proporções presentes na natureza e das relações entre a parte e o todo; e, segundo, é concebido, enquanto noção geral, a partir da adequada compreensão acerca da natureza e de sua ordem — que atrai a atenção e o afeto da mente. Diante disso, é necessário não se perder de vista que, ainda que seja possível se afeiçoar ao que é belo, isso ocorre não porque a beldade é reconhecida, em parte, através do amor que busca o entrelaçamento com algo belo, como em Plotino. Mas sim em função de consistir em algo que, após a identificação racional acerca de suas proporções e harmonia com o todo, depreende-se intelectivamente a sua relação com o bem que, naturalmente, deve ser objeto de afeto na medida em que (como comentado na primeira parte) é de interesse geral. Afinal, como comenta o autor inglês, o “uso da razão” é necessário “para garantir uma aplicação correta dos afetos” (Shaftesbury, 2001, p. 20). Ou seja, a partir disso é possível notar que o belo, em Shaftesbury, ainda que possa se constituir como um objeto de afeição, é reconhecido apenas através da operação mental e reflexiva, de modo que mesmo o afeto que nele é depositado depende da razão.

Diante disso, já é notável que o belo, para este autor, depende da ordem, da proporção, da harmonia e é reconhecido através da atividade racional, no entanto, agora deve-se expor em que esse ideal é notado. Desde *Askhmata* é possível ver que em nada o belo se relaciona com o que é sensível na medida em que isso consiste em algo que existe apenas “no aspecto e na sucessão das coisas que impressionam [strike] e entretêm os sentidos do vulgo (inclusive dos grandes)” que, “em prol de outras belezas, perdes de vista a beleza mesma, enfraqueces e empalideces o to kalon [belo] e o to teion [divino]” (Shaftesbury, 2016, p. 181-2).

Sendo assim, o aspecto sensível e sensual do belo presente em Plotino não é assumido por Shaftesbury (Tiffany, 1923). Este autor, na verdade, atribuirá o verdadeiro belo à virtude na medida em que somente a beleza interna é digna de interesse, e, se não for esse o caso, sacrifica-se “todas as proporções internas, toda a beleza intrínseca real e todo o mérito” perdendo de vista o belo que pode ser apreendido, também, “do mundo, do bem público, da sociedade” (Shaftesbury, 2016, p. 187). E, vale a pena salientar, “se o to kalon [belo] está numa coisa, não pode estar noutra” (Shaftesbury, 2016, p. 185), o que justifica, mais uma vez, a impossibilidade de existir belo no sensível e no inteligível, como em Plotino.

Esses elementos não parecem ser perdidos na *Inquiry*, na medida em que é possível ver que a virtude “de todas as excelências e belezas é a principal e a mais amável” (Shaftesbury, 2001, p. 99), afinal, conforme questiona: “onde há, na terra, uma questão de especulação mais justa, uma visão ou contemplação mais bela do que a de uma ação bela, proporcional e em transformação?” (Shaftesbury, 2001, p. 60). E, no que diz respeito às falsas considerações de belo¹⁰ (como é o caso da beleza corporal), na medida em que a razão é capaz de discernir proporções para encontrar aquilo que é belo e harmonioso, será capaz de notar a diferença entre o verdadeiro e o falso de modo que possa “desaprovar o que é desonesto e corrupto” (Shaftesbury, 2001, p. 17). De modo que, mesmo a beleza

¹⁰ Conforme expõe Aldridge (1951), essa falsa noção de beleza, em Shaftesbury, depende dos caprichos e da moda, na medida em que o justo é manchado pela falta de autocontrole e de regulação das opiniões através da razão.

suprema, conforme comenta Aldridge (1951), não diz respeito a uma força mística criadora que se identifica com o bem e o belo, mas sim à ordem intelectual que mantém as proporções da natureza.

Em suma, na *Inquiry* bem como em *Askhmata*, o belo consistirá em algo harmonioso que reside, em seu mais alto grau, no exercício da virtude, tornando-se interessante, então, na medida em que pode servir à sua formação e à harmonia social. Reconhecimento este que depende da razão e não da percepção.

Conclusões

As considerações de Cassirer (1992) e Uphaus (1969) que pretendem estabelecer e notar a influência do belo plotiniano em Shaftesbury parecem perder suas forças na medida em que, conforme exposto, esse ideal difere, nesses dois filósofos, em seu fundamento, na instância que o reconhece, onde ele pode ser identificado e na maneira que é definido. Mesmo que seja possível notar certa identificação entre os autores acerca de certo sentimento que acompanhado pelo belo, ou acerca da consideração de que a virtude consiste em um tipo supremo de beldade; isso parece provir, como comenta Tiffany (1923), das identificações que são possíveis fazer entre o neoplatonismo e o estoicismo. Ou mesmo da leitura que ambos os autores fizeram de Platão, afinal, Shaftesbury faz citações do *Banquete*, e Plotino, como afirma Bezerra (2013), promove seus ideais relacionados ao belo a partir de um grande acordo com esta mesma obra.

Quanto ao sentimento que acompanha o belo, não se deve perder de vista que, para o filósofo neoplatônico, ele está presente no momento em que esse ideal é percebido, ao passo que, para o setecentista, é consequência do empreendimento racional. E, no que diz respeito à virtude como uma das belezas supremas, nota-se que Plotino admite que seu alcance esteja vinculado, ao menos em um primeiro momento, ao que é sensível; o que Shaftesbury considerará inconcebível na medida em que se deve, na verdade, afastar-se dessas (conforme considera) desordens da natureza.

Nota-se que Plotino estava vinculado à noção de participação, que, conseqüentemente, permitia que o belo fosse visto em duas instâncias, na inteligível e na sensível, e a primeira depende da segunda para ascender; além disso, trata-se de uma experiência interna (seja do amor ou de determinadas afecções) que acompanha a percepção (que consiste na maneira pela qual o belo é identificado) desse ideal, seja pela alma, seja pelos sentidos. Diversamente dessas concepções, Shaftesbury se mostra, deste muito cedo, comprometido com as noções de proporção e harmonia como sustentáculos do belo, de modo que cabe ao exercício reflexivo encontrá-lo, levando em conta as relações entre a parte e o todo, e entender esse ideal não diz respeito ao sensível, mas aquilo que é interior: a virtude.

Ao fim e ao cabo, espera-se que, com o que foi exposto até aqui, tenha sido possível observar, contrariamente ao que Cassirer afirma em *A Filosofia do Iluminismo* (e daqueles que sofreram influência deste intérprete), que o “verdadeiro modelo filosófico” de Shaftesbury, **não consiste** simplesmente na “doutrina plotiniana” (Cassirer, 1992, p. 417).

Referências

ALDRIDGE, A. O. Shaftesbury and the Deist Manifesto. In **Transactions of the American Philosophical Society**. New Series, Vol. 41, No. 2. pp. 297-382, 1951.

BALIEIRO, M. Influências estoicas em Shaftesbury: Natureza e Virtude. **Perspectiva Filosófica**. Vol. 47, n. 1, pp. 125-140, 2020.

BEZERRA, C.C. Breves considerações sobre o belo em Plotino (2013).

SERRÃO, A. V. (et. al). In **Poética da razão Homenagem a Leonel Ribeiro dos Santos**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

BORGES, A. P. Introdução. In **Banquete**. Tradução e notas de Anderson de Paula Borges. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

CASSIRER, E. **A filosofia do iluminismo**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992.

CÍCERO, Marco Túlio. **Dos deveres**. Tradução de Angélica Chiapetta. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

----- **Da Amizade**. Tradução de Gilson de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HADLEY, D. Real atheism and Cambridge Platonism: men of latitude, polemics, and the great dead philosophers. In **Platonisms: Ancient, Modern, and Postmodern**, 2007.

KUBOTA, M. **Shaftesbury's aesthetic theory revisited**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculty of Graduate and Postdoctoral Studies in partial fulfillment of the requirements for the Doctorate in Philosophy degree in Philosophy. Canadá: Ottawa, 2015.

PIMENTA, P. P. Apresentação e notas. In SHAFTESBURY, A. **Exercícios (Askhmata)**. Tradução de Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: UNESP, 2016.

PLATÃO. **Banquete**. Tradução e notas de Anderson de Paula Borges. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

PLOTINO. Enéadas I, II e III. In BARACAT, J. C. **Plotino, Enéadas I, II e III; Porfírio, Vida de Plotino - Introdução, tradução e notas**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, UNICAMP, 2006.

SANTOS, M. D. P. A (re)construção da honra e do caráter moderno em Addison e Shaftesbury. **Sapere Aude**. Abr./2025, p. 364-380, 2025.

SHAFTESBURY, A. A. C. **Characteristicks of Men, Manners, Opinions, Times volumes I e II**. Estados Unidos: Liberty Found, 2001.

_____. **Exercícios (Askhmata)**. Tradução de Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: UNESP, 2016.

TALIAFERRO, C. The Trinity and Natural Reason: Lessons from Cambridge Platonism. In **The Trinity East/West Dialogue**. Edited by Melville Y. Stewart. USA: Springer Science+Business Media Dordrecht, 2003.

TIFFANY, E. A. "Shaftesbury as Stoic". **PMLA**, 38:3, p. 642-684, 1923.

UPHAUS, R. W. Shaftesbury on Art: The Rhapsodic Aesthetic. In **The Journal of Aesthetics and Art Criticism**, Vol. 27, No. 3 , pp. 341- 348, 1969.